

# Sobre o conceito de “tradução platônica” em Antoine Berman

Gilles Jean Abes\*

## Introdução

O pensamento bermaniano aparenta harmonioso e toante, embora numa peça repleta de ressonâncias, ecos e silêncios que ganham tonalidades em outras composições. Talvez a imagem da “*musique répétitive*” seja adequada à maneira como esse pensamento se constrói, precisamente no aspecto não serial da música minimalista. Os momentos da obra são como repetições, retomadas de um pensamento que, como motivos (fragmentos recorrentes), com uma mesma pulsação, reelaboram suas reflexões levando-as adiante, em vagarosa evolução.

Antoine Berman (1942-1991), como se sabe, é um pensador e historiador da tradução, além de ter sido professor de tradução, tradutor (alemão e espanhol), editor e diretor do Centro Jacques Amyot. Desenvolveu significativas reflexões sobre a tradução. Seu pensamento aflora notadamente os campos da Filosofia (especialmente da linguagem), da História ou da Psicanálise. Orientando de Henri Meschonnic na universidade Paris-VIII, estudioso dos românticos alemães, particularmente suas reflexões sobre a linguagem e o processo de formação cultural (*Bildung*), no qual a tradução teve um papel central, tendo vivido na Argentina na década de 70 do século passado, o tradutólogo francês elaborou conceitos fundamentais que questionaram um fazer tradutório hegemônico praticado na França em sua época, pautado na supremacia de uma “restituição

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

embelezadora do sentido” (2013, p. 19), numa escrita “clássica” e no apagamento do outro, “valores estéticos” forjados nos séculos XVI e XVII.

O pensamento de Berman, se pode beneficiar-se de certa potência com leituras anacrônicas, precisa inicialmente ser realocado em seu espaço específico de luta a favor de certa ideia do traduzir. O gesto anacrônico deve ter consciência dos riscos que corre ao abordar reflexões deslocadas de um contexto identificável: os anos 80 na França. Pois Berman, em permanência, incorpora o papel de historiador. Para opor-se à figura tradicional da tradução, tece reflexões a partir de uma “experiência histórica do traduzir” (2013, p. 35). Basta observar o seu artigo “La terre nourrice et le bord étranger: une archéologie de la traduction en France”<sup>1</sup>, de 1986, ou ainda, o mais recente “Jacques Amyot, traducteur français: Essai sur les origines de la traduction en France”, publicado postumamente em 2012, que abarca uma reformulação deste artigo de 1986. Berman age e pensa como historiador (e filósofo). Insere experiências do traduzir num espaço e horizonte determinados. Como historiador, reflete, ensaisticamente, sobre o problema da tradução na França, na relação com o outro, a partir de discursos, notadamente do poeta du Bellay. Para Berman, “a tradução é um espelho onde se reflete, de forma concentrada, a relação que uma cultura mantém com o estrangeiro” (2017, p. 280).

Assim, inicialmente, parece importante realocar o pensamento bermaniano em seu contexto. Obviamente, não abordarei essa questão detidamente, mas apenas para exemplificar de que forma essa abordagem contribui para *significar* um pensamento elaborado em um outro tempo. Importa privilegiar um “anacronismo controlado”, conforme a expressão cunhada pela historiadora Nicole Loraux. O anacronismo controlado implica na consciência e constante vigilância dos limites de nossa aproximação com aquilo que, hoje, consideramos passado. Como princípio, é preciso assumir que as nossas motivações e o que hoje consideramos relevante, não o era necessariamente em um tempo outro. “As interrogações que fazemos ao passado não eram postas por aqueles que o vivenciavam, quando era presente.” (CUBAS, 2021, p. 44) Neste ir e vir, é preciso considerar que

---

<sup>1</sup> “A terra ama e a borda estrangeira: uma arqueologia da tradução na França”. Tradução de Gilles Jean Abes. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, nº 3, p. 280-304, set-dez 2017.

“nenhuma identificação com sentido único é duradouramente possível” (LORAUX, 1992, p. 64). Realocá-lo em seu contexto, ou melhor, buscar conscientemente interpretar esse espaço específico constituído de inquietações, sentidos, discursos e debates, significa compreender essas questões nos anos 80 do século passado na França, espaço e tempo nos quais Berman conviveu, estudou, escreveu e pensou sobre a tradução.

Ora, a década de 80 na França é sinônima de movimentos sociais contra o racismo e em defesa dos imigrantes, entre outras questões e inquietações, a exemplo da “*Marche pour l'égalité et contre le racisme*”<sup>2</sup>, primeira de várias manifestações em defesa da igualdade e contra o racismo. Essa marcha, que atravessou o país de sul a norte entre 15 de outubro e 03 de dezembro de 1983, saindo de Marselha, passando notadamente por Lyon e Paris, foi a primeira manifestação nacional do gênero. Outras marchas semelhantes foram organizadas em 84 e 85. Esses movimentos chamam a atenção para o lugar do imigrante na sociedade francesa e a violência que vem sofrendo. Em suma, destaca-se de maneira mais evidente a questão do *outro*. Mais ainda: a questão do *estrangeiro* e a relação com o estrangeiro estão no centro dos debates da época (e até hoje), com diversos sentidos atribuídos ou retirados ao longo do tempo a esse *estrangeiro*. Não me parece derrisório, portanto, situar o pensamento bermaniano neste contexto. *L'Épreuve de l'étranger* é publicado em 1984 e *La traduction et la lettre* em 1985, em meio, por um lado, a manifestações e debates sobre o imigrante (sua defesa e rejeição), por outro, a uma concepção da tradução historicamente dominante, de caráter etnocêntrica, num campo de estudos que ainda está nos primórdios de sua formação.

Nesse contexto *outro*, no qual aquilo mesmo que Berman combate é hegemônico, defender *uma* concepção de tradução ganha um sentido diferente: significa defender *outra* concepção de tradução possível, um pensamento marginal do fazer tradutório que procura abalar os sólidos alicerces de uma tradição do traduzir que remonta ao século XVI na França.

Ao contrário, ao deslocar anacronicamente o pensamento bermaniano no espaço brasileiro, mais especificamente acadêmico, em 2021,

---

<sup>2</sup> Obra consultada: PIGENET, Michel; TARTAKOWSKY, Danielle (direction). *Histoire des mouvements sociaux en France: de 1814 à nos jours*. Paris: Éditions La Découverte, 2014.

após todos os aportes dos irmãos Campos, da Ana Cristina Cesar e de outros pensadores contemporâneos da tradução, a leitura daquela defesa pode ganhar ares de *determinismo*. Daí a importância crucial do anacronismo controlado, ou seja, da consciência e permanente vigilância que se deve ter ao abordar um pensamento de outro tempo. Pois esse tempo distinto, ainda que relativamente próximo do nosso, pode gerar sentidos muito diferentes acerca de um mesmo objeto interpretado, como procurei demonstrar com a sucinta contextualização da obra de Berman. Pior: pode gerar incompreensão e rejeição de um pensamento que permanece frutífero e atual<sup>3</sup> para novos debates sobre tradução.

Frente a acusações de ser um pensamento “essencialista”, “binário”, ou ainda, “abstrato”, por conta certamente de seu elo profundo com a filosofia e a psicanálise, o pensamento de Antoine Berman continua de certo modo *marginal*, como nos aponta Simone Petry (2016) a partir de uma crítica de Anthony Pym nesse sentido.

São críticas como esta, que rejeitam e excluem o pensamento de Berman ao julgá-lo por demais filosófico, marginal e, muitas vezes, essencialista – e, por isso, com pouco poder de contribuição real para a tarefa prática do tradutor profissional –, que me fazem perceber o quanto esse tipo de comentário, ou de análise, marca o lugar que o discurso bermaniano ocupa atualmente no cenário acadêmico e intelectual. Lugar cujos limites, talvez demasiadamente estreitos, impeçam olhares mais atentos, mais rigorosos, para a amplitude e pluralidade do pensamento desse autor; olhares que poderiam contribuir para o enriquecimento do debate, assim como para o surgimento de inúmeros outros debates (p. 14-16).

Paradoxalmente, chama a atenção que Berman seja lido de modo bastante prático, simultaneamente a esse *abstracionismo*, ou melhor dizendo, que uma parte específica de suas reflexões seja instrumentalizada para uma prática metodologizante da tradução. Penso aqui nas “tendências deformadoras” frequentemente usadas como uma fórmula para “bem traduzir”, o que reforça a centralidade do livro *A tradução e a letra* na recepção

<sup>3</sup> Ver a pesquisa de Simone Petry, notadamente o capítulo “A sistemática da deformação bermaniana como cicatriz da história: arqueologia de uma teoria (de)colonial da tradução”. In. CESCO, A.; ABES, G. J.; BERGMANN, J. C. F. *História da tradução: potências de um diálogo*. Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2021.

de Berman no Brasil, como veremos a seguir. Cabe aqui questionar-se sobre esse paradoxo: afinal, seu pensamento é abstrato demais ou não? E o que fazer do Berman tradutor? Do Berman professor? Do Berman editor? Esta experiência não contribui à formação de uma figura de tradução singular? Não haveria justamente, na obra bermaniana, a conjunção de experiências práticas e abstratas? Mas Berman refuta a palavra “prática”, que substitui por experiência. Ele diz claramente em *A tradução e a letra* que: “A tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão” (2013, p. 23). E mais ainda: “Mas de *onde* partimos para opor à figura canônica do traduzir uma outra figura? Seguramente, não de princípios ou de conceitos abstratos, mas de uma *experiência histórica* do traduzir, amplamente ocultada, que não pode reduzir-se à figura tradicional da tradução” (p. 35).

Sua análise não se funda, como ele mesmo afirma, em conceitos abstratos, mas no levantamento e análise de uma *experiência histórica* do traduzir, a exemplo do que faz com du Bellay e Amyot. Ao invés da palavra “prática”, que parece esvaziada de seu componente analítico, talvez mecânica demais, prefere “experiência” naquilo que o termo pode promover: busca pela conscientização do gesto de traduzir e uma discussão sobre o impacto desse “fazer” nos operadores da tradução. Ao invés de “teoria”, opta pelo vocábulo “reflexão”, buscando escapar às restrições que pode ter o método, afastando-se das “regras do bem traduzir”, outra faceta da figura tradicional da tradução. Basta consultar seus livros para constatar a onipresença desse lado “prático”, ou melhor, a análise dessas experiências históricas de traduzir com as numerosas citações de traduções que o autor insere em sua pesquisa. Basta observar a organização do *A tradução e a letra*, em que a segunda parte é composta de um estudo das traduções de Hölderlin, Chateaubriand e Klossowski. Como então seria possível descartar essas facetas de Berman voltadas para a tarefa prática do tradutor quando essa “prática” se encontra onipresente em suas reflexões, sendo inclusive ele mesmo tradutor?

Concluo que não se pode separar a experiência do ato de traduzir daquilo mesmo que esta promove: abertura para um (re)encontro na reflexão. Em outras palavras, de maneira bastante bermaniana (penso aqui no conceito de tradução platônica), não se pode separar o par

experiência/reflexão. Ora, ao acusá-lo de abstracionismo e de não levar em conta o tradutor profissional, opera-se essa cisão que parece refletir uma leitura que não alcança o bojo do pensamento bermaniano. É realmente *passar ao lado* da obra.

Importa assim destacar esse contexto específico no qual o pensamento bermaniano se constrói, a partir, inclusive, de seu estudo dos românticos alemães e de uma experiência muito significativa para sua formação, sua estadia de cinco anos na Argentina na década de 70<sup>4</sup>: outra relação com o *outro*.

Chegamos então a um novo paradoxo, pois se Berman pode ser considerado um autor “canônico” nos Estudos da Tradução no Brasil, um recorte muito claro aparece quando se observa suas obras estudadas/citadas no país. Uma pesquisa realizada por Letícia França, resultado de uma iniciação científica orientada por Mauricio Mendonça Cardozo (2015)<sup>5</sup>, faz um levantamento de dados muito relevante para melhor compreender quem é esse Berman “canônico” estudado em nosso país. Foram analisados 21 periódicos nacionais distintos, da área específica dos Estudos da Tradução e da grande área de Letras, publicados entre 1994 e 2011, o que resultou em 135 artigos que fazem menção direta a Berman. As obras do tradutólogo mencionadas nesses artigos estão distribuídas do seguinte modo: 68 referências à obra *A prova do estrangeiro*; 48 referências à obra *A tradução e a letra*; 33 referências à obra *Pour une critique des traductions*; e 19 referências a 12 artigos diferentes publicados esparsamente pelo autor (CARDOZO, 2015, p. 144-146).

Ainda que essa valiosa pesquisa mereça ser atualizada, consta-se que a leitura das obras de Berman foca principalmente três livros: *A prova do estrangeiro*, *A tradução e a letra*, ou *o albergue do longínquo* e *Pour une critique des traductions: John Donne*. A terceira, vale lembrar, ainda não possui tradução para o português, o que deve reduzir o número de leitores. Outras obras do

<sup>4</sup> Sobre essas questões vitais na obra de Berman, ver a tese de Simone Petry já citada nesse trabalho: “A tradução como obra: relações entre a leitura bermaniana do conceito romântico de obra de arte e sua reflexão sobre a tradução”, Unicamp, 2016.

<sup>5</sup> Consultar pesquisa em: A lição bermaniana – Implicações para a crítica e para uma história da tradução literária. In: SOUSA, Germana Henriques Pereira de (Org.): *História da tradução – Ensaios de teoria, crítica e tradução literária*, vol. 01. Campinas: Pontes Editores, 2015. p.143-156.

tradutólogo, livros e numerosos ensaios, continuam pouco lidas e/ou permanecem inéditas em português, constituindo valioso material bibliográfica ainda pouco explorado<sup>6</sup>. A partir da existência desse conjunto de textos menos conhecidos, torna-se imperativo “o horizonte da incorporação desses textos a nossas discussões, torna-se imperativo colocá-los em circulação e enfrentá-los, à luz e à contraluz das percepções que temos, hoje, da obra desse pensador” (CARDOZO, 2015, p. 144).

Assim, proponho aqui uma reflexão sobre um conceito central de seu pensamento – a “tradução platônica” – apresentado na obra *A tradução e a letra* de forma ainda lacunar. Berman, como ele mesmo diz, deixa-o “praticamente de lado” porque seu estudo “levaria longe demais” (2013, p. 35). Por ser um dos livros mais citados do autor, busco então aprofundar esse conceito com base num ensaio do próprio Berman intitulado “L’essence platonique de la traduction”, publicado em 1986, cuja tradução acabo de finalizar e que citarei neste trabalho. Dadas as características de sua obra, apontadas por Petry (2016) como *fragmentação*, como veremos adiante, esta pesquisa objetiva, modestamente, aprofundar a compreensão do conceito de “tradução platônica”, disponibilizar textos inéditos do autor em português e realizar uma leitura mais cerrada e *relacional* de sua obra para evidenciar um pensamento em diálogo.

### **A tradução platônica em *A tradução e a letra***

Berman (2013) introduz o conceito após uma citação do filósofo Alain<sup>7</sup> que ele opõe à figura tradicional da tradução.

[...] a tradução se caracteriza por três traços. *Culturalmente* falando, ela é *etnocêntrica*. *Literariamente* falando, ela é *hipertextual*. E *filosoficamente* falando, ela é *platônica*. A essência etnocêntrica, hipertextual e platônica da tradução recobre e oculta uma essência mais profunda, que é simultaneamente *ética*, *poética* e *pensante* (p. 34).

<sup>6</sup> Ver o levantamento bibliográfico realizado por Mahdi Farrokhi “Les oeuvres complètes d’Antoine Berman. Étude bibliographique”, publicado em 2009. Farrokhi defendeu a tese *Penser la traduction: étude immanente de l’oeuvre d’Antoine Berman* em 2014, orientado por Jean-René Ladmiral.

<sup>7</sup> Pseudônimo de Émile-Auguste Chartier (1868-1951), filósofo, jornalista, ensaísta e professor de filosofia.

Fica claro nesse já bem conhecido excerto que Berman propõe outra figura da tradução, como é entendida e praticada na França, substituindo seus traços etnocêntricos, hipertextuais e platônicos.

Culturalmente falando, segundo o pensador da tradução, na relação que se estabelece com o outro *no* e *fora* do texto, em lugar de etnocêntrica, deve oportunizar a questão ética do acolhimento do outro, em outras palavras, a tradução é *mise en rapport*. É um tempo propício para uma percepção do que pode ou não a tradução. Pois, na verdade, a tradução é mais do que relação, como escreve Berman em *L'épreuve de l'étranger* (1984, p. 16), “elle est mise en rapport, ou elle n'est rien” [ela é um pôr em relação, ou não é nada]. Em outras palavras, é, num mesmo tempo, abertura, espaço e ação que põe em relação, que promulga uma relação peculiar. Cabe a nós percebermos o *kairós* que o ato tradutório abre, momento oportuno para inscrever essa visão da tradução defendida por Berman: tempo supremo para uma relação singular.

Literariamente falando, na maneira como através da tradução entende-se e lida-se com um texto literário, de hipertextual precisa tornar-se poética, ou seja, não deve entender a questão da linguagem como relacionada a um simples ato de comunicação, sentido que bastaria reformular.

Por fim, filosoficamente falando, ao invés de platônica, deve ser pensante.

Apesar de pouco desenvolver o conceito, como ele mesmo afirma, a expressão “tradução platônica” aparece seis vezes na obra<sup>8</sup> (três vezes na página 34, duas na 35, uma vez na 73), além de derivações como “cesura platônica” (uma vez na p. 44), “captação platônica” (uma vez na p. 45), “cisão platônica” (uma vez na p. 55) e “hiperplatônica” (uma vez na p. 94). Berman também emprega os termos “platonismo” (cinco ocorrências, páginas 35, 43 e 55) e “platônico” (página 14), além da expressão “corte platônico” (página 44). Assim, trata-se de um conceito muito presente, sob diversas formas, em *A tradução e letra*, sem que haja efetivamente uma elaboração ou aprofundamento do que vem a ser essa concepção platônica da tradução. O

<sup>8</sup> A referência aqui é a segunda edição da tradução da obra de Berman, publicada em 2013.



leitor se depara com essas ocorrências em vários pontos do livro, e precisaria buscar relacioná-las, além de ter algum conhecimento de filosofia, particularmente a “doutrina das ideias” de Platão.

Portanto, utilizar o termo *fragmentação* para designar a proposta de leitura de Cardozo coloca em relevo, na obra de Berman, a importância do pensamento dos primeiros românticos alemães, pensadores que nos legaram, dentre tantas outras coisas, a própria ideia de escrita fragmentária, ou, melhor dizendo, o conceito de fragmento: um texto que pode ser considerado completo em si mesmo, mas que, ao mesmo tempo, complementa-se em e a partir de outros fragmentos, também completos em si. O *double bind* da completude e incompletude, criação e crítica – inclusive temos aqui, também, a própria ideia de obra, tão cara a Berman, cujas características se afastam do conceito tradicional de unidade positiva, autônoma e estável; [...] as partes (os fragmentos) que compõem o pensamento bermaniano não são isoladas em sua obra, mas têm seu momento próprio de acabamento (*achèvement*), considerando que cada um dos leitores de cada um de seus textos representa um elemento fundamental para que esse acabamento aconteça. E mesmo assim, todas essas partes ainda dialogam completando-se, realizando-se (p. 19-20).

A ideia de fragmentação é de suma importância porque cada texto comporta esse *double bind*, o binômio completude-incompletude. Todo ensaio ou livro possui, como diz Petry logo acima, “seu momento próprio de acabamento (*achèvement*)”, mas constitui simultaneamente um fragmento que clama por uma leitura relacional com outros momentos e outras partes da obra. Mais ainda: o texto em si, em certa medida, é formado por fragmentos. *A tradução e a letra* exemplifica essa característica, quando observa-se o emprego do conceito de tradução platônica esparsa pela obra com *apelações* diversas. Não há capítulo ou seção que trate de defini-lo, mesmo se está plenamente inserido num momento de *achèvement* daquela obra. Para buscar *complementar* sua compreensão é preciso aproximar os fragmentos e consultar outros textos: fazer a obra *dialogar*.

A passagem mais *falante*, em *A tradução e a letra*, para compreender esse conceito encontra-se na página 44.

Aplicada às obras, a cesura platônica sanciona um certo tipo de “traslação”, a do “sentido” considerado como um ser em si, como uma pura idealidade, como um certo “invariante” que a tradução faz passar de uma língua a outra

deixando de lado sua casca sensível, seu “corpo”: de sorte que o insignificante, aqui, é antes o significante (2013, p. 44).

Poucas linhas para desenvolver esse conceito, declinado com outra expressão – “cesura platônica”) – ao mesmo tempo em que se busca relacioná-lo com outro, talvez o mais central: a *letra*. Portanto, entendo que Berman tece reflexões relacionando conceitos, interligando-os, para formar um conjunto *acabado* que, simultaneamente, interpela pela incompletude e deveria obrigar o leitor a buscar alhures pistas para melhor cercear o pensamento bermaniano. Pensamento que se dá a ver com uma falsa estabilidade e homogeneidade, o que, diga-se de passagem, ocorre com toda obra, em maior ou menor grau. O conceito de tradução platônica é fragmento que clama por outra peça de sua formulação, em outro momento e lugar da obra.

Dou outro exemplo:

O enobrecimento é o ponto culminante da tradução platônica, cuja forma acabada é a tradução (a-tradução) clássica. Chega-se a traduções “mais belas” (formalmente) do que o original. É aliás o que um dos fundadores do classicismo francês, Bouhours, pensava sobre a tradução dos Antigos. A estética vem aqui completar a lógica da racionalização: todo discurso deve ser um belo discurso. Em poesia, isto produz a “poetização”; na prosa, uma “retoricização” (p. 73).

O conceito a priori abstrato de tradução platônica é relacionado a outro, este observável no corpo do texto com base numa analítica da tradução, a tendência deformadora do “enobrecimento”. Lidamos, portanto, com fragmentos. Berman afirma: “deixamos praticamente de lado o que chamamos “platonismo” da tradução, cujo estudo nos levaria longe demais” (2013, p. 35) e indica em nota um texto oriundo de um seminário ulterior – um exemplo de autoreferencialidade – para preencher a lacuna deixada no livro. Esse seminário, intitulado “Vérité de la traduction, vérité de la philosophie”, é curtíssimo e aborda outras questões. Assim, o conceito de tradução platônica exige uma leitura relacional que aproxime essas ocorrências esparsas no mesmo volume e amplia esse gesto de *mise en rapport* para o conjunto da obra.

### A tradução platônica no ensaio “A essência platônica da tradução”

O ensaio de Antoine Berman “L’essence platonicienne de la traduction” é uma versão adaptada de um seminário sobre a tradução e a filosofia que ocorreu no Collège International de Philosophie em janeiro de 1985, publicado na *Revue d’Esthétique* (Nouvelle série), n. 12 (1986). Esta reflexão relativamente longa comporta uma introdução sucinta e doze seções: “Platonismo e língua”, “Deixar cair o corpo para fazer irromper o sentido”, “Tradução e reformulação”, “Língua traduzida e língua traduzinte”, “A desistoricização da língua original”, “Bonnetoy e Shakespeare”, “Da língua à ‘linguagem’”, “A tradução como movimento meta-físico”, “O embelezamento”, “O conflito da beleza material e da beleza formal”, “A tradução como destruição do ser da obra” e “Valorização e desvalorização da tradução no platonismo”.

Ao colocar a questão do “platonismo” da tradução, Berman inicia sua reflexão apontando um elo profundo entre a filosofia e a tradução.

[...] pois consiste no seguinte: para cada figura (histórica) da verdade filosófica corresponde (sem nenhuma relação de “causalidade”) certa figura histórica da verdade do traduzir que o determina tanto em sua “prática” quanto em sua “teoria”. Assim, como veremos, corresponde ao platonismo certa “definição” da tradução (a restituição do “sentido” como idealidade do texto), corresponde ao cartesianismo e a sua metafísica da clareza a tradução como produtora de “luzes”, corresponde ao idealismo alemão a tradução como “elevação à potência” dos originais etc. E isso é possível, postularemos, somente porque existe um tipo de “afinidade secreta” entre o filosofar e o traduzir através da diversidade histórica de suas figuras. A filosofia está ligada à tradução, e vice-versa (1986, p. 63).<sup>9</sup>

O platonismo da tradução se define por uma “restituição do ‘sentido’ como idealidade do texto. Berman retoma aqui, com outra formulação, a “pura idealidade” evocada no *A tradução e a letra*: o “‘sentido’ considerado como um ser em si, como uma pura idealidade” (2013, p. 44). E relaciona o cartesianismo, e sua metafísica da clareza, a essa definição de tradução como produtora de “luzes”, como vemos no trecho acima.

<sup>9</sup> Indico aqui a paginação do ensaio original, pois minha tradução ainda se encontra no prelo.

Na primeira seção, ele define o que entende por platonismo:

[...] é aquela figura do pensamento ocidental que instaurou um corte decisivo entre o “sensível” e o “não sensível”, corte pelo qual o sensível é ontologicamente desvalorizado em relação ao não sensível, que, doravante, torna-se o “suprassensível”. A alma, Sócrates não cessa de afirmá-lo, deve abandonar a prisão da corporeidade para ganhar a planície das “ideias”, ou seja do “aspecto” imutável das coisas. A partir daí, uma série de oposições bastante conhecidas: passageiro e eterno, corruptível e incorruptível, tangível e intangível, obscuro e luminoso, múltiplo e uno, verdadeiro e falso etc.

Filosofar significa passar da primeira região à segunda, ou realizar o vaivém “dialético” entre as duas (1986, p. 63).

A expressão “cesura platônica” que Berman emprega em *A tradução e a letra* (2013, p. 44), refere-se a esse corte decisivo entre o “sensível” e o “não sensível”. Segundo Berman, com base na leitura que faz de Platão, o “corpo” da linguagem é assim ontologicamente desvalorizado, permanecendo no domínio do sensível, descrito como prisão da corporeidade que deve ser abandonada para que a “alma” ganhe a planície das ideias. “Ora essa cisão atinge necessariamente a tradução porque atravessa, acima de tudo talvez, a própria linguagem, na medida em que os elementos desta, o som e a letra de um lado, a significação e o sentido do outro, suportam a estrutura de qualquer língua. A linguagem é sensível e não sensível (1986, p. 64).”

De um lado, o sensível, o som e a letra, do outro, o não sensível ou o suprassensível, a significação e o sentido.

Berman dá um exemplo para ilustrar o impacto dessa cisão na tradução.

Quando São Jerônimo, após Cícero, enuncia o que é, para ele, o princípio de base do traduzir, “*non verbum e verbo sed sensum exprimere de sensu*”<sup>10</sup>, ele o faz a partir da experiência da língua instaurada pelo platonismo, como se o “sentido” e a “letra” pudessem ser dissociados, e, sobretudo, como se o “sentido” tivesse mais *ser* que a “letra”, constituindo o que, de uma língua para outra, não “varia” (1986, p. 64).

<sup>10</sup> “[...] na tradução dos gregos não busco expressar uma palavra a partir de outra palavra, mas o sentido a partir do sentido.” Tradução de Mauri Furlan. “Brevíssima história da teoria da tradução no ocidente: Idade Média” *Cadernos de tradução*, n. 12. Florianópolis: PGET, 2003. (N. do autor)



Mas para falar em uma essência platônica da tradução, segundo Berman, não basta que a tradução e a linguagem “tenham sido definidas no horizonte categorial do platonismo”. O ato de traduzir em si deve ser investigado, mais especificamente, certa dimensão de seu ser, observando seu trabalho sobre a língua. É necessário ter mesurado o que, nela, a associa ao platonismo, para perceber o que a tradução tem também de “não platônico”.

Retomando as palavras de São Jerônimo, para tentar definir o ato de traduzir, conforme a figura tradicional da tradução, Berman cita Derrida explicando que a energia essencial da tradução está em “deixar cair o corpo” pois não se traduz “palavras”, mas “sentidos”.

A essência do filosofar se realizaria ao traduzir, pois o sentido aparece como apartável da letra. Traduzir separa o “significante” do “significado”, o sensível do não sensível. Ou seja, a tradução é o que dá a ver pela primeira vez o sentido como idealidade invariante. A tradução mostra e realiza a separação platônica (1986, p. 64).

Em seguida, Berman procura demonstrar, com base em Derrida e Jakobson, que a tradução é o único ato que realiza e concretiza essa cisão, abordando o problema da reformulação (*rewording*).

A reformulação não pode fazer irromper sentido porque ela é um mito, ou antes um eterno engodo do sujeito falante, que, além disso, frequentemente paga caro a pretensão de dizer a mesma coisa de outra maneira. Para que apareça sentido, deve haver *heterogeneidade* de dois sistemas significantes, e esta encontra-se tão somente na diferença interlinguística. Digamos então: não podemos definir a tradução em termos de reformulação, mas podemos (afinal é o que faz Jakobson, e isso mantém um valor ao menos metafórico) definir a reformulação em termos de tradução. E é por essa razão que o conceito de tradução é bem mais central para a teoria da linguagem do que o de reformulação (p. 66).

Tendo colocado o contraponto do *rewording*, Berman aprofunda a questão analisando traduções de Kafka para o francês. Conclui que se a letra foi aniquilada na tradução, o sentido permaneceu “salvo e triunfante” e que a “invariância do sentido substituiu a invariância da letra”. Além disso, a tradução também teria modificado a relação do significado e do significante

na língua traduzinte, que passou a ser “veículo de um sentido”, e não mais “letra na qual o sentido está detido” (1986, p. 67).

Na mesma seção, aborda ainda o caso da autotradução em Beckett e afirma, com base em alguns exemplos: “Em toda parte, a autotradução de Beckett revela que o essencial para ele, não é a letra do original, mas seu sentido. [...] E esse destaque equivale a uma universalização, a uma explicitação, a um esclarecimento. A uma passagem do ‘concreto’ ao ‘abstrato’.” Esta passagem é definida pelo pensador da tradução como “desistoricização da língua da obra” (p. 67), questão que ele aborda em seguida no ensaio, a partir, novamente, de exemplos.

Em sua análise, Berman compara dois excertos, um de *Du côté de chez Swann* (1913), de Marcel Proust, em francês (original), com um da trilogia *Die Schlafwandler* (1931-32) (*Os sonâmbulos*<sup>11</sup>), traduzido para o francês *Les somnanbules* (1956-57), do autor austríaco Hermann Broch.

A frase de Proust está assentada em sua língua como um pássaro em seu ninho, de onde pode alçar voo, ou nela enraizada como uma planta. Ler Proust significa entrar no domínio da espessura, da sedimentação significativa da letra. Mal poderíamos falar aqui de “sentido”, pois toda esta significância acumulada nas palavras não se deixa reduzir ao sentido geral que podem ter. [...]

Mas na tradução? Seguramente, esse enraizamento temporal desapareceu, pois o texto traduzido não tem nenhuma relação com o passado da língua alemã, evidentemente, mas tampouco com o de nossa língua. Isso significa que as palavras “*saule*” [salgueiro] e “*fleuve*” [rio] perderam aqui aquela espessura significativa e ressoante que possuem no original. [...] Poderíamos até afirmar que a versão francesa de Broch é necessariamente mais transparente, mais cristalina, mais incorporal que o original (p. 68).

Abstração, universalismo e imobilidade na tradução em francês, com apagamento da historicidade da língua alemã, na perda da espessura

<sup>11</sup> Tradução em português por Marcelo Backes, publicada em 2011 pela editora Benvirá (primeiro volume). Existe uma outra tradução, por Wilson Hilário Borges, publicada pela pequena editora Germinal em 2003, mas que consistiria em um plágio de traduções publicadas em Portugal em 1988 pela Edições 70. A denúncia saiu na *Folha de São Paulo*, em 23 de dezembro de 2004, num artigo de Luiz Fernando Vianna intitulado: “Traduções de ‘Mulheres Apaixonadas’, de D.H. Lawrence, e ‘Os Sonâmbulos’, de Hermann Broch, são copiadas. Editora de SP é acusada de plagiar mais duas obras”. O caso anterior seria a cópia do romance *Oblomov*, de Ivan Alexandrovitch Gontcharov. O caso de Oblomov foi analisado no blog *Não gosto de plágio*, de Denise Bottmann. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2312200415.htm>. Acesso em 10 de março de 2021.

“significante e ressoante” do original, a proveito de um sentido considerado transparente e incorpóreo.

Logo após esse exemplo de tradução platonizante, Berman aponta para um caso oposto, a tradução de Hölderlin de *Antígona*, comparando-a às traduções francesas de Mazon e Grosjean. Este trecho está também presente no volume *A tradução e a letra* (2013, p. 116-117), particularmente o exemplo do verbo *kalkaina* [καλχαίνω]. Percebemos aqui a manifestação desses *momentos* da obra comentadas no início desta pesquisa: repetições de motivos (fragmentos) que são levados adiante e que formam uma composição, um conjunto de peças que dialogam. Esta passagem deveria levar o leitor a retomar *A tradução e a letra*, no qual o caso de Hölderlin é mais amplamente discutido.

Voltando ao exemplo de Berman, segundo ele, o poeta alemão buscou verter o verbo mais literalmente, privilegiando seu sentido primeiro, ao passo que os tradutores franceses optaram pelo sentido derivado, ou seja, mais abstrato, mais geral: “Ora privilegiar (para bem destacar o sentido da frase) a significação abstrata daquele verbo, é ‘deixar cair’ a significância etimológica e corporal deste verbo. Portanto, desistorializá-lo ali onde, no original, “ter a cor da púrpura” continua ressoando como “ser atormentado” (1986, p. 68).

Com suas traduções “fiéis”, de certa maneira, os tradutores franceses “desparticularizam as significâncias do original para produzir sentido puro e unívoco. E para assim produzir outro tipo de texto, outro tipo de língua, sem espessura e sem temporalidade” (1986, p. 68). Hölderlin, em seu retorno às raízes etimológicas do verbo, anuncia outra *essência* da tradução. É preciso lembrar do contexto e que essa afirmação se fundamenta num esforço de oposição à figura tradicional da tradução dominante na França dos anos 80.

Berman avança em sua reflexão citando Yves Bonnefoy que percebera, segundo ele, a questão do platonismo quando confronta a tradução de François-Victor Hugo do drama histórico *Henrique IV*, de Shakespeare. Bonnefoy julga que as “palavras não levam mais nem à realidade nem ao mito. É um Shakespeare descorporificado” (p. 69). E comenta:

[...] Bonnefoy coloca essa metamorfose descorporificante na conta da língua francesa, clássica demais e que tende demais para as “essências”, incapaz de mirar o “concreto” como o inglês. O inglês seria “aristotélico”, e o francês “platônico”. Ainda que a tendência essencialista do francês (clássico) seja incontestável, é preciso ir além, ou deslocar a problemática, e dizer que a descorporificação observada por Bonnefoy é imputável, mais profundamente, à tradução em si, que compensa a “falta de ser” por um acréscimo de sentido (p. 69).

Nessa metamorfose produzida pela tradução, observa-se que a língua se torna “linguagem”, segundo Berman, que aponta como se daria essa mudança. Ele afirma que:

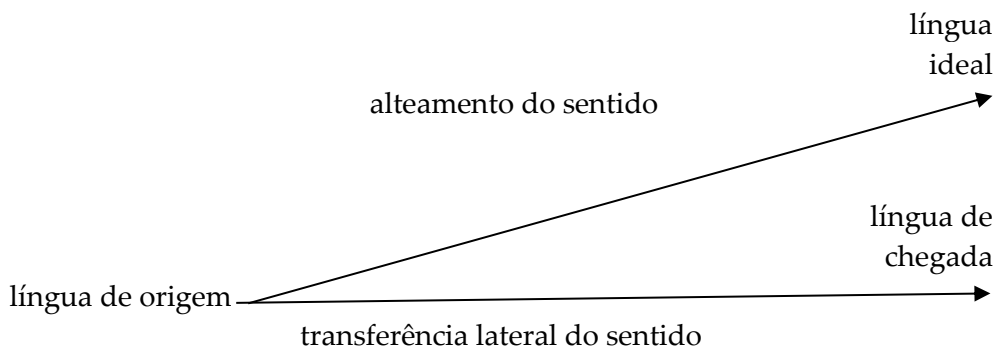
O original se desloca no elemento emaranhado e intricado da língua, enquanto ser temporal, estratificado, na qual há menos sentido do que significância e ressonância. A tradução, ao fazer passar o texto dessa língua para outra, a “eleva” ao nível da linguagem, ou seja, de um sistema composto certamente dos mesmos elementos, mas articulada de tal maneira que é o unívoco das significações invariantes que predomina. A linguagem é de fato o *logos* do qual fala a filosofia, que o define nesses termos ou em termos de “característica” ou de “língua artificial”, “bem-feita” etc. Do nosso ponto de vista, esse resultado é a *verdade* da tradução. Do ponto de vista do senso comum, é o que sempre lhe foi censurado, como se não fosse o “verdadeiro” texto, como se apenas o original possuísse a solidez e concretude que fazem dele um “ser”, e não reflexo desse ser. Não obstante, veremos que esse julgamento tradicional sobre a tradução se funda nos mesmos pressupostos que levam, por outro lado, a um julgamento positivo sobre o texto traduzido (1986, p. 69).

Há, portanto, ambivalência. Pois é exatamente essa metamorfose, da língua “elevada” ao nível da linguagem articulada de modo que o unívoco das significações invariantes predomina, que conduz a julgamentos positivos e negativos a respeito da tradução. Há produção de um *logos* mais transparente e mais universal que consistiria, segundo Berman, no que busca tradicionalmente a língua filosófica. Como o pensar platônico, a tradução “deixa cair” a corporeidade elevando-se acima e além do sensível. O verbo *übersetzen*, interpretado especulativamente pelo romantismo como ato de colocar, *setzen*, e de colocar além, *über*, designariam os momentos fundamentais do filosofar, na medida em que, “em especial para Novalis,

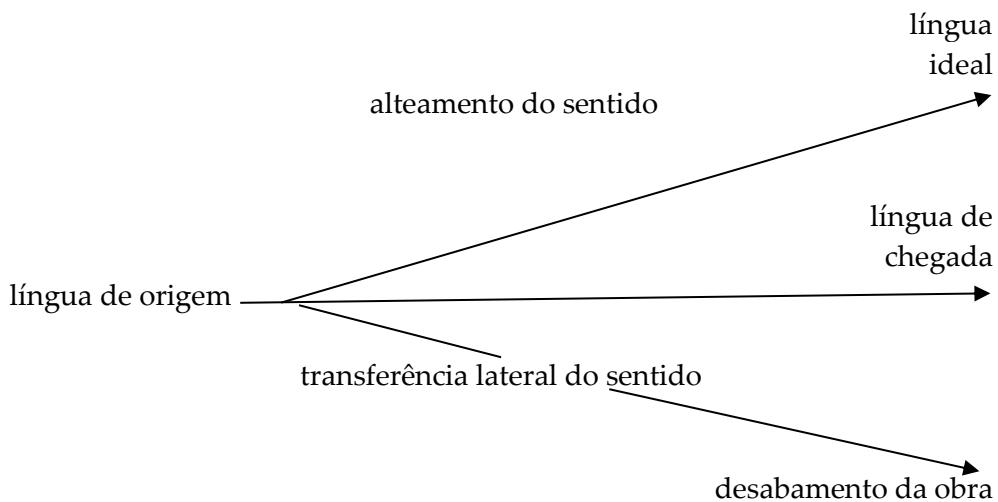


filosofar é de fato colocar-se-acima-e-além. Em sua linguagem: elevar à potência, *potenzieren*” (p. 70).

Berman afirma assim que *übersetzen* é primeiro a “tradução” do latim *translatio*, designando uma transferência lateral, horizontal, ao qual se sobrepõe outro movimento de translação vertical (para o alto), de tal modo que o ato de traduzir poderia ser representado no esquema que segue:



No momento em que se postula que a tradução deva ser mais clara que o original, abandona-se o eixo horizontal para o eixo vertical. E Berman observa que “outro eixo vertical se abre, mas esta vez *abaixo* do eixo horizontal” (1986, p. 70):



Esse “desabamento” se produziria na e pela tradução.

Outra metamorfose apontada por Berman é a do “embelezamento”, explicando que, nos clássicos, esse conceito está ligado a uma estética do gosto e da literatura. Mas logo acrescenta que não se trata apenas de um simples “modo” histórico e que esta estética deve ser relacionada àquilo que a funda filosoficamente: a relação do “verdadeiro” e do “belo”. Em suas palavras: “a ‘libertação’ do sentido que se produz na tradução não pode ser senão um ‘embelezamento’” (1986, p. 70).

É nesse ponto crucial que a leitura relacional da obra fragmentada bermaniana se revela importante porque ele se preocupa de imediato em declarar que suas considerações especulativas não estão afastadas da prática empírica dos tradutores, já que estes não cessam de defender que uma tradução deve ser “clara” e “elegante”, o que nos conduz em pleno platonismo e cartesianismo. Segundo ele: “Clareza e elegância formam uma dupla. A clareza remete ao fato que o sentido aparece mais puramente que no original” (p. 71).

Em seguida, Berman retoma a questão do espaço de transformações ao dizer que a tarefa da tradução seria a de “sublinhar” o que é da ordem do verdadeiro e do belo no original procedendo como uma “erosão”:

Esse espaço de transformações, é aquele onde a tradução tem por tarefa “sublinhar” o que, no original, é da ordem do verdadeiro e do belo. Nietzsche diz em algum lugar que “idealizar”, é proceder a uma “imensa erosão dos contornos”. A tradução é de fato essa “erosão” que destaca as grandes linhas da obra (p. 71).

Da mesma forma, empiricamente, que a tradução é uma “prova de verdade” para um texto, esse empirismo enuncia julgamentos contraditórios sobre a tradução, como *traduttore traditore* e “prova de verdade”, sem que jamais se busque o “fundamento comum destes enunciados” (p. 71).

A tradução é uma prova de verdade, pois ela faz aparecer as qualidades e os defeitos do original. Isso é seguro. Mas se produz com mais frequência o seguinte: assim que o tradutor descobriu os pontos fracos do texto, ele se precipita para lançar sobre eles o véu do sentido e do ser: faz aparecer as belezas, e desaparecer os defeitos. O platonismo da tradução tangencia a retórica sofística. Certamente, o tradutor dirá também, como A. W. Schlegel, que ele quer reproduzir até mesmo as “sardas de sua bela”, mas essas sardas, que encarnam a materialidade do original, o espírito todo de sua operação tende a apagá-las. Daí duas consequências: o desprezo no qual ficam retidos

os “maus” tradutores fascinados pela “letra”, e o conflito que surge quando o original possui, igualmente, uma inegável beleza (p. 71).

Nesse excerto, é preciso ter o cuidado de entender que Berman investe o discurso tradicional e hegemônico sobre a tradução do texto literário de seu tempo. Para escapar ao platonismo, arruína por dentro esse discurso. Também não podemos perder de vista os numerosos exemplos que perpassam suas obras, notadamente, em *A tradução e a letra* que colocamos em diálogo aqui com seu ensaio. Basta lembrar dos comentários dos tradutores franceses de Dostoiévski. Quando se refere ao tradutor que descobre “os pontos fracos” de um texto, Berman não faz senão aderir ao discurso hegemônico sobre tradução usando-o para sua própria argumentação para denunciar a essência platônica da tradução. Neste caso preciso, para criticar “o véu do sentido e do ser” lançado sobre esses supostos pontos fracos. Fica também claro a posição de marginalidade do pensamento bermaniano em sua época quando descreve a rejeição dos tradutores fascinados pela “letra”, julgados “maus” em seu ofício.

O pensador da tradução continua sua reflexão precisando o que entende por “beleza”, distinguindo duas figuras que se opõem: a beleza material e a beleza formal.

A beleza de um original é sempre material, até mesmo quando se pode descrevê-la em termos “formais”. Mais ainda, a beleza formal, quando caracteriza um original, arruína seu caráter de obra, e é o que ocorre com os escritos ditos “acadêmicos”: são belos, mas “frios” e “ocós”. Ora, na tradução, a beleza formal é sinal de excelência. O que se passa então quando o tradutor lida com um original cuja beleza material é muito evidente? Há conflito entre a exigência da transmissão desta beleza e a outra exigência, que privilegia a beleza formal enquanto marca do texto traduzido como tal. Esse embate assinala o ponto no qual a tradução, para não trair o original, deve *se voltar contra sua própria essência, romper nela mesma o impulso em direção de uma beleza formal* (1986, p. 71).

É preciso, portanto, distinguir essas duas sortes de beleza que representam um espaço de inflexão na maneira de traduzir. A exigência de uma beleza formal, ligada à pura idealidade de um sentido unívoco, ao embelezamento e clarificação, deve ser combatida pelo tradutor que deve voltar-se contra aquela essência da figura tradicional da tradução. Para

oportunizar outra maneira de traduzir, deve romper com o impulso que o levaria a uma beleza formal. Deve buscar a beleza material do texto: sua corporeidade.

Mas nesse ponto Berman coloca-se a pergunta, tendo em vista a estreita relação que estabelece entre o filosofar e o traduzir, de seu estatuto diferenciado:

Mas se a tradução manifesta o “verdadeiro” da obra na irradiação de uma pura forma, aparentada nesse ponto com a filosofia, como é possível que não compartilhe em nada a dignidade e glória do ato filosófico? Que o que nela é da ordem do platonismo seja considerado como sua verdade, certamente, mas também fustigada como uma traição? (p. 72)

Quando se legitima “o verdadeiro do texto sob a face do belo”, a tradução “*corrompe radicalmente o ser do original.*” Em suma, ingressa no domínio da corruptibilidade e da perecibilidade.

Isso fica evidente se forem considerados os atributos tradicionais da obra enquanto obra: durabilidade ou imperecibilidade, intangibilidade, unicidade, ser etc. Pois os atributos correlativos da tradução são exatamente inversos: perecibilidade, modificabilidade, multiplicidade, devir. Aqui, portanto, reviravolta total: é a obra que possui todos os predicados da Ideia platônica, e o texto traduzido aqueles do “sensível” (p. 72).

Outra ambivalência: ao elevar a obra à glória do sentido puro, precipita-a ao mesmo tempo na perecibilidade que “*mergulha no reformulável*”. Se há oposição entre a multiplicidade, ou mobilidade do texto traduzido, e o ser da obra, que Berman descreve como “ser significante que repousa duravelmente em si mesma”, é porque pode ser “outro”: “O que, de um lado, libera o sentido destrói o ser, a consistência da obra” (p. 72). Esse paradoxo é exemplificado pela situação das *Belas infiéis*. É “o esplendor e a miséria”, expressão de Ortega y Gasset da qual Berman se apropria para sintetizar a situação da tradução.

Assim, se a tradução tiver por visada a produção do “verdadeiro” do texto, o resultado é que não cria um “verdadeiro” texto, que consistiria em um texto “valendo-se de si mesmo e do fundo da língua”, o que não significa um texto que remeta a *outro texto*, excluindo a possibilidade de *ser outro*. Ademais, justamente por causa dessa remissão, sempre pode ser outro.

Berman indica que é por esse motivo que jamais a tradução é considerada obra.

O texto da tradução detém seu ser de um “outro”, e isto remete à distinção aristotélica (que tem sua origem em Platão) de o ser-por-si e o ser-pelo-outro; a Ideia é por si, a coisa sensível por um outro do qual é apenas um semblante, o duplo e a cópia. Nesse ponto, de novo, a tradução tem o mesmo estatuto ontológico degradado que o sensível em Platão: pois o sensível, no platonismo, é semblante, reflexo, duplo e cópia. A tradução é como a lua: detém sua claridade do sol (original) e, portanto, brilha com uma luz emprestada e mais fraca (p. 72).

Antoine Berman finaliza o seu ensaio afirmando que a tradução é simultaneamente valorizada e desvalorizada no horizonte categorial que nos legou o platonismo. Logo, enquanto for pensada exclusivamente “no interior desse horizonte”, enquanto for concebida pelos tradutores como “ato que tende para o ‘verdadeiro’ e o ‘belo’, para a radiante idealidade do sentido, não poderá ser diferente” (p. 73).

É nesse ponto que precisamos retomar a leitura de *A tradução e a letra*, justamente nas passagens supracitadas em que Berman trata do platonismo. Pois ensaio e livro não cessam de dialogar. Onde um interrompe a discussão, o outro a retoma, repete, amplia, como uma ramificação de um pensamento entre fragmentos.

O ensaio não diz como devemos escapar desse horizonte categorial do platonismo, como pretende-se ir em direção à beleza material e resgatar a degrada corporeidade do texto para, finalmente, atingir esse traduzir *outro*. É preciso voltar ao *A tradução e a letra*. Se a letra é o espaço de jogo da figura de tradução proposta por Berman, para alcançar esta dimensão, “é necessário operar uma destruição (retomo o conceito de Heidegger) da tradição etnocêntrica, hipertextual e platônica da tradução” (2013, p. 34).

Entretanto, esta destruição — se ela não quiser ser uma simples operação ideológica ou teórica — deve ser precedida de uma análise do que há por destruir. A este trabalho, que é simultaneamente análise e destruição (crítica no sentido schlegeliano), chamaremos: a analítica da tradução. A analítica da tradução é a crítica do etnocentrismo, do hipertextualismo e do platonismo da figura tradicional da tradução — no Ocidente. Ela estuda estes três traços fundamentais nas suas características gerais, e as formas concretas pelas quais eles se manifestam numa tradução (2013, p. 35).

Este trecho precede justamente o lugar (não o único) onde Berman dá a ver a característica dialogal de sua obra, já que é o momento em que explica que deixará de lado o platonismo da tradução que o levaria longe demais. Neste diálogo, a questão da analítica da tradução responde a um dos traços da figura tradicional da tradução com o qual o tradutor deve romper: o livro *conversa* com o ensaio. À destruição da tradição platônica, deve preceder uma análise do que há por destruir, o que o pensador da tradução não cessa de ilustrar a partir dos estudos de *experiências históricas* do traduzir, onipresentes em suas obras.

### Considerações finais

Contexto da época, de uma inquietação e um combate específicos, mas igualmente contexto *da* e *na* obra, ou seja, vale apontar a relevância de se ler Berman com base em seus textos, na *letra bermaniana*, para não *deixar cair* sua potência. Também é relevante salientar a importância de realocar sua linguagem no contexto da linguagem filosófica. Apenas um exemplo: é preciso entender o termo “essência”, não com base na língua cotidiana, mas no campo lexical da filosofia de Platão. “Essência” está vinculada ao ser, ao mundo suprassensível, ao mundo das Ideias. Ou seja, quando Berman diz “a essência da tradução”, ele o faz no contexto do pensamento e procedimentos platônicos nos quais “essência” significa o *ser* da tradução, o verdadeiro ser, o ser por excelência, a Ideia de tradução em seu estado imutável e puro: “as Ideias são o ser que é verdadeiramente” (NODARI, 2004, p. 366). O mesmo vale para o romantismo alemão e a psicanálise.

Trata-se de uma leitura exigente, de certo modo, porque conta com a capacidade do leitor de relacionar as obras de Berman, ao mesmo tempo em que solicita outras leituras que possibilitem ingressar plenamente no(s) debate(s) que seu pensamento promove. Com esse cuidado, fica evidente, por exemplo, que Berman não defende uma tradução *à la lettre*, mas uma tradução *de la lettre*.

Ora, para além do recorte que vimos inicialmente, que aponta para uma leitura limitada (CARDOZO, 2015), as obras de Berman parecem ser estudadas individualmente, segundo Simone Petry (2016).

[...] em sua grande maioria essas obras são lidas individualmente, sem manter diálogo umas com as outras. Talvez isso não fosse um grande problema se o texto *A tradução e a letra* não ampliasse teoricamente a discussão, apresentada em *A prova do Estrangeiro*, sobre os três eixos principais que servem de base para uma “teoria moderna da tradução” talvez isso não fosse um problema maior se *Pour une critique* não constituísse uma espécie de síntese das publicações sobre tradução de Berman. Aliás, essa autorreferencialidade, por si mesma, já autoriza a reconhecer a sua obra como diálogo ou, melhor dizendo, como *conversa* (p. 22).

Essa autorreferencialidade, que procurei explicitar em vários momentos, coloca o pensamento bermaniano sob a égide do diálogo, principalmente entre os textos produzidos pelo autor, mas também com base na fortuna crítica.

Em suma, a leitura de um ou outro livro do tradutólogo, isoladamente, segue o movimento contrário da composição da obra e do *movimento* do pensamento. Toma a contramão de uma leitura que, para alcançar as questões que Berman coloca, clama por ser *dialogal*.

## Referências

BERMAN, Antoine. A terra ama e a borda estrangeira: uma arqueologia da tradução na França. Tradução de Gilles Jean Abes. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 37, n° 3, p. 280-304, set-dez 2017.

BERMAN, Antoine. Vérité de la traduction —vérité de la philosophie. **Le Cahier (Collège international de philosophie)**, n. 1 (octobre 1985), p. 40-41.

BERMAN, Antoine. L’essence platonicienne de la traduction. In: LADMIRAL, Jean-René (org.) **Revue d’esthétique** (nouvelle série), n. 12. Toulouse: Éditions Privat, 1986.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. 2ª. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BERMAN, Antoine. **L’épreuve de l’étranger: Culture et traduction dans l’Allemagne romantique: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin**. Paris: Gallimard, 1984.

CARDOZO, Mauricio Mendonça. A lição Bermaniana: implicações para a crítica e para uma história da tradução literária. In: SOUSA, Germana H. de (Org). **História da Tradução: ensaios de teoria, crítica e tradução literária**. Campinas: Pontes Editores, 2015, p. 143-156.

FARROKHI, Mahdi. Les oeuvres complètes d’Antoine Berman. Étude bibliographique. **Équivalences**, 36e année-n°1-2, 2009, p. 183-197.

FURLAN, Mauri. Brevíssima história da teoria da tradução no ocidente: II. A Idade Média. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 12, p. 9-28, 2003.

LORAU, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAES, Adauto (org.) **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p. 57-70.

NODARI, Paulo César. A doutrina das ideias em Platão. **Síntese – Revista de Filosofia**, v. 31, n. 101, 2004, p. 359-374.

CUBAS, Caroline J. Tradução como resistência: lugares da História na História da Tradução. In: CESCO, A.; ABES, G. J.; BERGMANN, J. C. F. **História da tradução: potências de um diálogo**. Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2021. (Coleção Transtextos; v. 8) p. 35-56

PETRY, Simone. A sistemática da deformação bermaniana como cicatriz da história: arqueologia de uma teoria (de)colonial da tradução. In: CESCO, A.; ABES, G. J.; BERGMANN, J. C. F. **História da tradução: potências de um diálogo**. Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2021. (Coleção Transtextos; v. 8) p. 93-128.

PETRY, Simone. **A tradução como obra: relações entre a leitura bermaniana do conceito romântico de obra de arte e sua reflexão sobre a tradução**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) — Unicamp, Campinas, 2016.

PIGENET, Michel; TARTAKOWSKY, Danielle (direction). **Histoire des mouvements sociaux en France: de 1814 à nos jours**. Paris: Éditions La Découverte, 2014.

## Resumo

Antoine Berman pode ser considerado um autor “canônico” nos Estudos da Tradução no Brasil. No entanto, paradoxalmente, um recorte muito claro aparece quando se observa suas obras estudadas/citadas no país. A leitura



de seu pensamento é embasada principalmente em três livros: *A prova do estrangeiro*, *A tradução e a letra, ou o albergue do longínquo* e *Pour une critique des traductions*. Outras obras do tradutólogo, livros e ensaios, continuam pouco lidas e/ou permanecem inéditas em português, constituindo valioso material bibliográfico ainda pouco explorado (CARDOZO, 2015). Para além de um aspecto quantitativo, esses textos parecem ser estudados de maneira isolada (PETRY, 2011). Assim, proponho aqui uma reflexão sobre um conceito central de seu pensamento – a “tradução platônica” – apresentado na obra *A tradução e a letra* de forma ainda lacunar. Berman, como ele mesmo diz, deixa-o “praticamente de lado” porque seu estudo “levaria longe demais” (2012, p. 35). Por ser o segundo livro mais citado do autor, busco então aprofundar esse conceito com base num ensaio do próprio Berman intitulado “L’essence platonique de la traduction”, publicado em 1986, cuja tradução acabo de finalizar (no prelo). Dada a característica fragmentada de sua obra, o objetivo desta pesquisa é de contribuir, modestamente, para o acesso a esses textos inéditos e a uma leitura mais abrangente e relacional de sua obra.

**Palavras-chave:** Tradução platônica; Antoine Berman; Letra; Sentido.

### Abstract

Antoine Berman can be considered a “canonical” author in Translation Studies in Brazil. However, paradoxically, a very clear cut appears when looking at his works studied / cited in the country. The reading of his thought is based mainly on three books: *The experience of the foreigner*, *La traduction et la lettre ou l’auberge du lointain*, and *Toward A Translation Criticism: John Donne*. Other works by the translation theorist, books and essays, remain poorly read and / or remain unpublished in Portuguese, constituting valuable bibliographic material still little explored (CARDOZO, 2015). In addition to a quantitative aspect, these texts seem to be studied in isolation (PETRY, 2011). Thus, I propose here a reflection on a central concept of his thought - the “Platonic translation” - presented in the work *La traduction et la lettre* in a still incomplete form. Berman, as he says, leaves it “practically aside” because his study “would take it too far” (2012, p. 35). As it is the second most cited book by the author, I then seek to deepen this concept based on

an essay by Berman himself entitled “L’essence platonique de la traduction”, published in 1986, whose translation I have just finished (in press). Given the fragmented characteristic of his work, the objective of this research is to contribute, modestly, to the access to these unpublished texts and to a more embracing and relational reading of his work.

**Keywords:** Platonic translation; Antoine Berman; Letter; Sense.